



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

No Brasil, agenda traz os dados de arrecadação. No cenário internacional, atenção para o discurso de Jerome Powell no Simpósio de Jackson Hole

Em semana pouco movimentada, a agenda de indicadores estará concentrada na divulgação dos dados de arrecadação de impostos referentes ao mês de julho, que deve seguir com forte alta. O resultado será divulgado pela Receita ao longo dessa semana, ainda sem data definida, e a expectativa é de que os números sigam em tom positivo, com crescimento real de 9,6% (ante jul/23), próximo ao observado em junho (+11,0%), impulsionada pelas medidas adotadas pelo Ministério da Fazenda para elevar a arrecadação, além do bom dinamismo da atividade, notadamente do mercado de trabalho. Os analistas estarão atentos se os números atuais são condizentes com as projeções do governo (interpretadas como otimistas), avaliando assim a eventual necessidade de novos contingenciamentos de recursos para o cumprimento da meta fiscal.

No cenário internacional, o foco dos agentes estará no Simpósio de Política Econômica, evento anual promovido pelo Fed de Kansas City em Jackson Hole, que começa na quinta-feira (22). O principal acontecimento será o discurso de Jerome Powell, presidente do Fed, que ocorrerá na sexta (23). É praticamente consenso que o Fed iniciará o ciclo de cortes dos juros nos EUA em seu próximo encontro, no dia 18 de setembro. Contudo, dados um pouco mais fracos de atividade (principalmente do mercado de trabalho) levaram a um debate sobre a possibilidade dos EUA entrarem em recessão, o que poderia levar o Fed a ser mais agressivo (cortes de 0,5 pp) em seu processo de flexibilização monetária. Assim, a expectativa é que Powell direcione melhor as expectativas dos agentes e indique qual o caminho mais provável para os juros. Até o momento, a impressão é que os EUA caminham para uma desaceleração suave da atividade, abrindo espaço para um ciclo gradual de cortes dos juros (0,25 pp). Assim, não seria necessário um movimento apressado, que poderia interromper o processo de desinflação da economia com a inflação ainda acima da meta de 2%. Vale notar que na quarta (21), ainda no âmbito da política monetária norte-americana, será divulgada a ata da última reunião do Fed.

A semana também traz as prévias de agosto dos índices PMIs da indústria e dos serviços dos EUA e da Europa. Os dados serão divulgados na quinta (22) e também serão acompanhados com atenção, diante do aumento da preocupação com a saúde da economia norte-americana. De toda forma, o consenso projeta que os indicadores sigam em expansão. Na Zona do Euro também será divulgada a leitura final da inflação ao consumidor (CPI) de julho, na terça (20), que deve confirmar a prévia e ficar estável no mês, mas acelerando na comparação anual, subindo de 2,5% para 2,6%. Tal dado deve reforçar as expectativas que o BCE será cauteloso no processo de queda dos juros, apesar da fraqueza da atividade na região.

Por fim, o Banco Popular da China (PBoC) decide, nesta segunda (19), as taxas de juros de 1 e 5 anos. Apesar da expectativa de manutenção dos juros no atual patamar (3,35% aa e 3,85% aa), não é improvável que ocorram novas reduções das taxas, diante dos sinais crescentes de fraqueza da demanda doméstica no país.

A próxima página traz a agenda completa de indicadores, com as datas de divulgação e projeções de mercado.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
22/ago	Reunião do CMN	-	-	-
Sem data	RFB: Arrecadação Federal de Impostos	Jul/24	9,6% a/a	11,0% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
19/ago	China	Taxas Prime de Empréstimo (1 ano e 5 anos)	Ago/24	3,35% aa / 3,85% aa	3,35% aa / 3,85% aa
20/ago	Zona do Euro	Inflação ao Consumidor (CPI)	Jul/24 – final	0,0% m/m 2,6% a/a	0,2% m/m 2,5% a/a
21/ago	EUA	Ata da última reunião do Fomc/Fed	31/jul/24	-	-
22-24/ago	EUA	Simpósio de Política Econômica de Jackson Hole	2024	-	-
22/ago	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Ago/24 – prévia	45,8 pts / 51,7 pts	45,8 pts / 51,9 pts
22/ago	Zona do Euro	Confiança do consumidor	Ago/24 – prévia	-12,6 pts	-13,0 pts
22/ago	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Ago/24 – prévia	49,8 pts / 54,0 pts	49,6 pts / 55,0 pts
22/ago	EUA	Venda de casas existentes	Jul/24	1,0% m/m	-5,4% m/m
23/ago	EUA	Venda de casas novas	Jul/24	1,3% m/m	-0,6% m/m

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Indicadores de atividade sinalizam expansão robusta da economia no 2º tri

Os indicadores de atividade vieram em tom positivo em junho e reforçaram a perspectiva de um crescimento robusto do PIB no 2º trimestre, que deve mostrar expansão próxima ou até superior à observada no 1º tri (+0,8%). Os resultados deixam um viés de alta para a projeção de crescimento de 2,2% do PIB em 2024.

O índice IBC-Br de atividade econômica, calculado pelo Banco Central e considerado uma prévia do PIB, subiu 1,4% em junho, bem acima do esperado pelo mercado (+0,6%). Esta foi a terceira alta seguida do indicador, que ainda contou com uma revisão positiva do dado de maio (de 0,25% para 0,41%). Com o resultado, o índice registrou crescimento de 1,1% no 2º trimestre – um pouco abaixo do observado no trimestre anterior (+1,5%), mas reforçando os sinais de um bom crescimento da economia no período, apesar das adversidades (tragédia no RS).

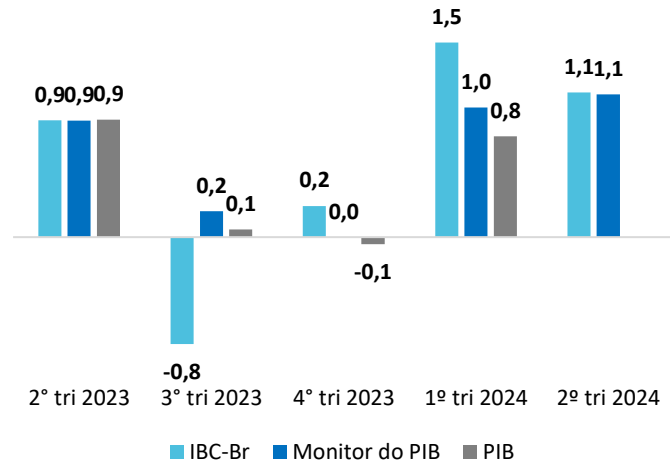
Na mesma direção, o Monitor do PIB, calculado pela FGV, também subiu 1,4% em junho e apontou crescimento de 1,1% da atividade econômica no 2º trimestre. Segundo a FGV, todos os componentes, pela ótica da demanda, apresentaram crescimento no trimestre, com destaque para a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), que cresceu 3,3%, sinalizando um aumento da capacidade produtiva, algo que contribui para o crescimento prospectivo.

Os números positivos das *proxies* mensais do PIB refletiram o avanço dos principais setores econômicos em junho. Segundo o IBGE, o setor de serviços surpreendeu positivamente ao crescer 1,7% em junho, bem acima do esperado (+0,8%). Com o resultado, o setor fechou o 2º trimestre com expansão de 0,7%.

No mês, todas as 5 atividades analisadas avançaram. As maiores influências vieram dos serviços de informação e comunicação (+2,0%) e de transportes (+1,8%), mas com alta relevante também dos serviços profissionais (+1,3%) e dos “outros serviços” (+1,6%), todos devolvendo o recuo de maio. Já os serviços prestados às famílias registraram um crescimento mais modesto (+0,3%), embora não alterem a percepção que o consumo das famílias segue aquecido, dado que o segmento havia crescido 3,1% no mês anterior.

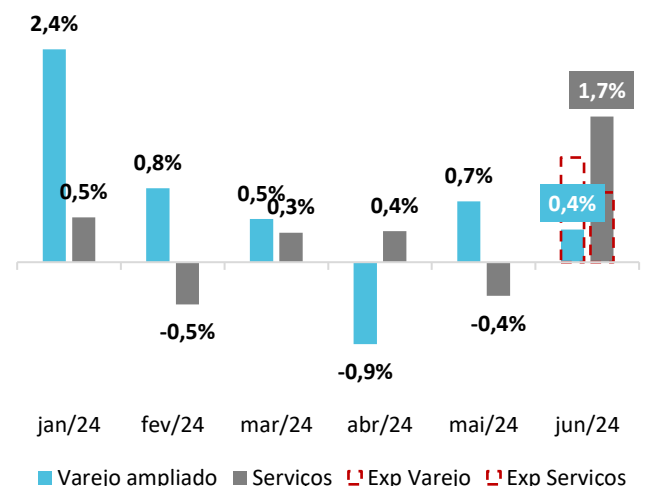
Vale destacar que o bom desempenho do setor de serviços a nível nacional no mês ocorreu mesmo diante da forte queda no Rio Grande do Sul (-14,5%), impactado ainda pelas enchentes.

Quadro 1: IBC-Br, Monitor do PIB e PIB – Var. % trimestral



Fonte: BCB, FGV e IBGE

Quadro 2: Varejo Ampliado e Serviços – Var. % mensal



Fonte: IBGE

Já as vendas no varejo (ampliado) registraram um desempenho mais tímido, com alta de 0,4% em junho, abaixo do esperado (+1,2%). O setor fechou o 2º trimestre com alta de 0,3%, sinalizando uma perda de força ante o trimestre anterior (+2,9%), mas não o suficiente para alterar a perspectiva de um bom crescimento da economia no 2º trimestre.

No mês, a alta foi especialmente puxada pelos bens duráveis, como veículos (+3,9%), materiais de construção (+4,8%) e móveis e eletrodomésticos (+2,6%), todos revertendo a queda verificada em maio. Em parte, tal resultado está atrelado às enchentes no RS, em função da necessidade de reconstrução das casas e recompra de bens perdidos; além da retomada da produção (e das vendas) de itens afetados pelo desastre. Diante de uma base depreciada e dos estímulos implementados no Estado, o RS mostrou uma forte alta de 13,8% no mês, bem acima de qualquer outro ente federativo.

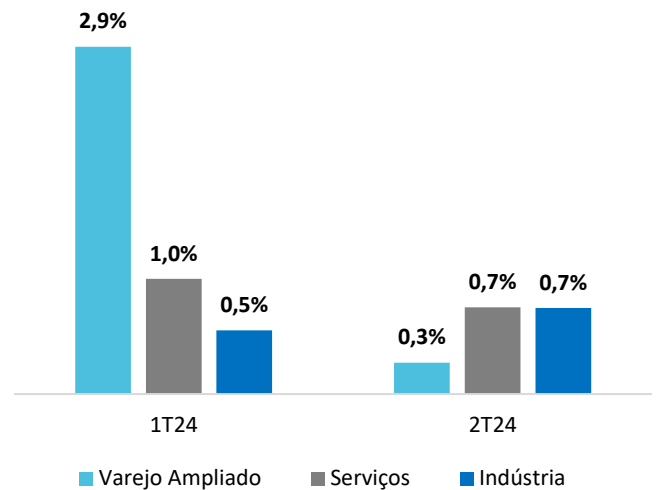
Na outra ponta, as vendas nos supermercados recuaram 2,1%, ajudando a explicar o menor crescimento do setor no mês. A queda do segmento, no entanto, veio após 5 altas seguidas e após atingir o maior patamar da série no mês anterior, indicando apenas um movimento de acomodação.

No geral, os indicadores de atividade sinalizaram que o PIB cresceu de forma robusta no 2º trimestre, possivelmente até acima do observado no 1º trimestre. Mercado de trabalho aquecido, expansão do crédito e estímulos fiscais têm contribuído para o bom dinamismo da atividade neste ano. Adicionalmente, os resultados sinalizam que os efeitos das enchentes no Rio Grande do Sul sobre a economia mostraram-se limitados. **O resultado oficial do PIB do 2T24 será divulgado pelo IBGE no dia 03 de setembro.**

Em relação à inflação, o IGP-10 voltou a acelerar e subiu 0,72% em agosto (ante 0,45% em julho). O indicador foi especialmente pressionado pelo recente reajuste dos combustíveis autorizados pela Petrobras, com a gasolina tendo forte impacto tanto nos preços do atacado quanto no varejo. A desvalorização do câmbio também exerceu impacto altista sobre o indicador, principalmente sobre os preços das matérias-primas brutas no atacado, como bovinos (que passou de -0,88% para 2,67%) e aves (de -2,90% para 1,03%). Em 12 meses, o índice acelerou de 3,38% para 4,26%.

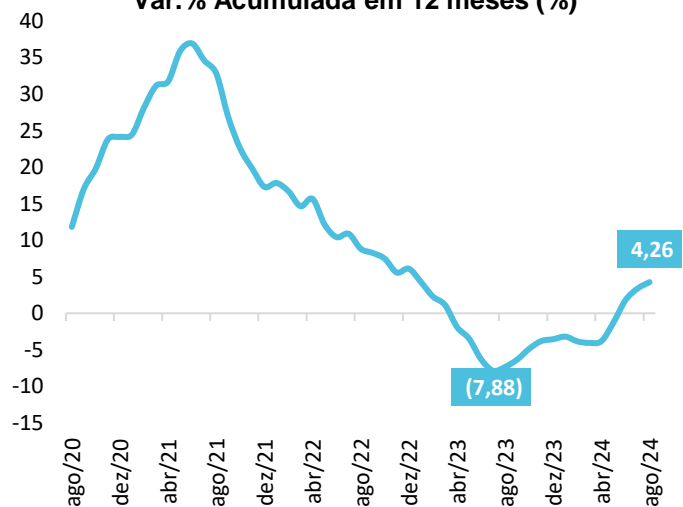
Portanto, a combinação de uma atividade forte, com reaceleração da inflação (refletindo os efeitos da desvalorização cambial recente), aumentam a possibilidade do Copom voltar a subir a taxa Selic ainda neste ano.

Quadro 3: Indicadores Setoriais
Var. % trimestral



Fonte: IBGE

Quadro 4: IGP-10
Var.% Acumulada em 12 meses (%)



Fonte: FGV

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Menor temor com recessão nos EUA traz alívio aos mercados

A última semana foi marcada pela dissipação de parte dos temores com uma possível recessão nos EUA no curto prazo, levando ao aumento do apetite ao risco e a recuperação dos principais índices acionários norte-americanos, após duas semanas negativas. A melhora do humor dos agentes econômicos refletiu uma combinação de dados positivos de atividade, especialmente relacionados à força do consumo das famílias; aliados à continuidade do processo de desinflação. Com isso, o mercado voltou a precificar um processo gradual de cortes de juros no país, de 0,25 pp, ante expectativa de que o Fed tivesse que ser mais agressivo e iniciar o ciclo já com cortes de 0,5 pp em sua próxima reunião (18 de setembro).

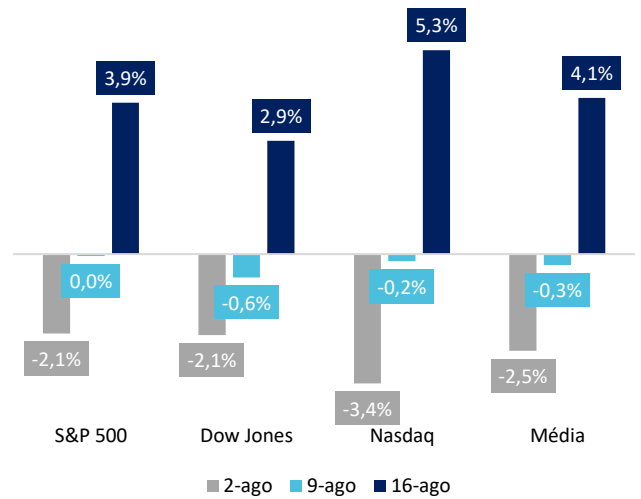
Em relação à inflação, o CPI subiu 0,2% em julho, em linha com o esperado pelo mercado. No mês, o indicador foi puxado pelas altas de óleo combustível (+0,9%), aluguel residencial (+0,5%) e transporte (+0,4%), parcialmente compensadas pela queda em veículos usados (-2,3%) e gás encanado (-0,7%). Em 12 meses, o indicador desacelerou para 2,9% (ante +3,0% em jun/24). O núcleo do indicador, que desconsidera os itens mais voláteis (alimentos e combustíveis), também desacelerou no comparativo anual, passando de 3,3%, para 3,2%. Já os preços ao produtor (PPI) subiram 0,1% no mês, abaixo do esperado (+0,2%), desacelerando de 2,7% para 2,2% em 12 meses. **Portanto, a inflação segue em desaceleração nos EUA, ainda que de forma bastante gradual.**

Os números de atividade também trouxeram um sentimento positivo. As vendas no varejo subiram 1,0% no mês, surpreendendo o mercado (+0,4%) e registrando a maior expansão desde jan/23 (+4,1%), puxada pelo segmento de veículos e eletrônicos. Na mesma direção, o índice de confiança dos consumidores (Univ. de Michigan) atingiu 67,8 pts em agosto, acima da prévia (66,9 pts) e do dado de julho (66,4 pts). Assim, os indicadores sinalizam que o consumo segue em alta, aliviando a tensão em relação à possibilidade de uma recessão.

Na China, os dados da indústria e do varejo vieram relativamente em linha com o esperado, mas mantendo a preocupação com o baixo dinamismo da economia asiática, especialmente da demanda interna. A produção industrial cresceu 5,1% em julho (ante jul/23), enquanto o varejo avançou apenas 2,7% no mesmo comparativo.

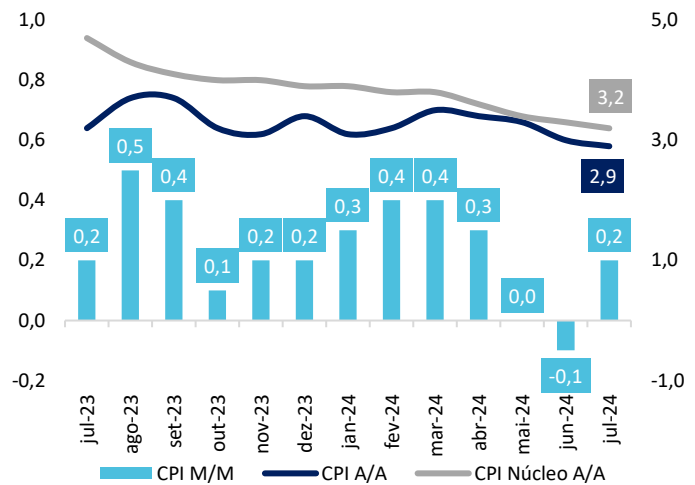
Na Europa, a produção industrial caiu 0,1% em junho, após forte queda em maio (-0,9%) e contrariando a expectativa de alta (+0,5%), indicando que a situação do setor no continente segue delicada.

Quadro 5: EUA – Bolsas e Índices Acionários
Var. % semanal



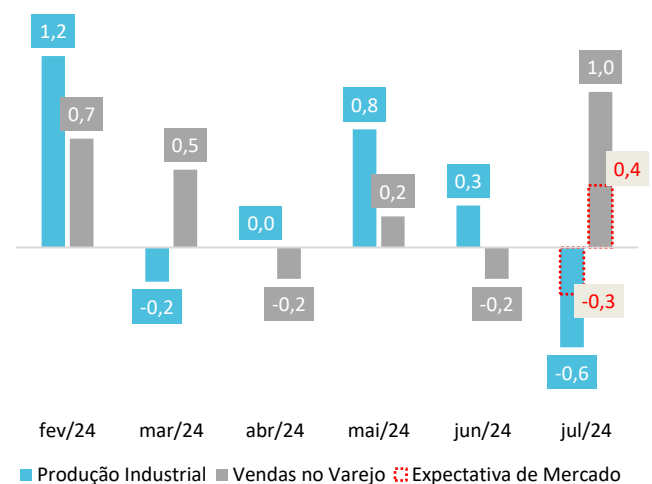
Fonte: Bloomberg.

Quadro 6: EUA – Inflação ao Consumidor (CPI)
Var. % m/m e a/a



Fonte: Bloomberg.

Quadro 7: EUA – Produção Industrial e Vendas no Varejo – Var. % m/m



Fonte: Bloomberg.

Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

CRÉDITO / BANCOS

Projeção para a expansão do crédito em 2024 sobe para 10,3%

A Pesquisa Febraban de Economia Bancária, realizada com 20 bancos entre 07 e 12 de agosto, registrou uma nova revisão positiva para a expectativa de crescimento da carteira total de crédito em 2024, atingindo 10,3% (ante 10,0% na pesquisa de junho). A revisão de alta na projeção para o crescimento pode ser explicada pelos números positivos observados no 1º semestre, além dos estímulos aprovados para a recuperação do Rio Grande do Sul neste 2º semestre.

A revisão positiva foi relativamente disseminada entre todos os segmentos, porém mais significativa na carteira com recursos direcionados, refletindo justamente a ampliação dos programas públicos (reconstrução do RS). A alta da carteira direcionada esperada para 2024 atingiu 12,1% (ante +11,3%). A revisão positiva ocorreu tanto na linha destinada às empresas (de +11,7% para +12,6%) como para as famílias (de +10,9% para +11,6%).

A expectativa de expansão da carteira livre também aumentou, mas de forma mais modesta, passando para 9,5% (ante +9,2%), em função da revisão positiva para o crescimento da carteira destinada às famílias (de +10,6% para +11,0%), num contexto de mercado de trabalho aquecido e aumento da massa salarial. Já a expectativa de alta da carteira Livre PJ ficou estável em 7,4%.

Quanto à taxa de inadimplência da carteira Livre, a Pesquisa captou estabilidade na projeção para 2024, com a média das projeções permanecendo em 4,4%. O dado representaria uma leve queda da inadimplência da carteira com recursos livres até o final do ano, uma vez que o indicador está em 4,6%, segundo dados de junho do BCB. Para 2025, a projeção registrou ligeira piora, subindo de 4,2% para 4,3%.

Com relação ao desempenho do crédito em 2025, a projeção para a alta da carteira total ficou estável pela 3ª pesquisa consecutiva, em 8,9%, refletindo a expectativa de manutenção de um bom ritmo de crescimento da carteira direcionada (+9,6%). Por outro lado, houve modesta queda na previsão de expansão da carteira livre (de 8,7% para 8,6%).

Em resumo, a revisão para cima do crescimento do crédito é explicada por vários fatores. O ciclo de queda da Selic e a melhora dos índices de inadimplência impulsionaram o crédito até o momento; e, neste 2º semestre, teremos também os incentivos voltados ao RS. O ponto de atenção segue na evolução do cenário econômico, onde será importante avaliar se o aumento recente das incertezas poderá influenciar negativamente esta trajetória.

O Quadro 8 apresenta o resultado consolidado da pesquisa atual, e o comparativo com o obtido na pesquisa anterior.

Quadro 8: Projeção Média para o Crescimento da Carteira de Crédito (Pesquisa Febraban de Economia Bancária)

Projeções para Saldo de Crédito e Inadimplência (média entre as instituições)	2024		2025	
	Pesquisa Jun/24	Pesquisa Ago/24	Pesquisa Jun/24	Pesquisa Ago/24
Carteira Total (var. % – total do SFN)	10,0	10,3	8,9	8,9
Recursos Livres (var. % – total do SFN)	9,2	9,5	8,7	8,6
Crédito Livre para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	7,4	7,4	8,3	7,7
Crédito Livre para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	10,6	11,0	9,2	9,0
Recursos Direcionados (var. % – total do SFN)	11,3	12,1	9,6	9,6
Crédito Direcionado para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	11,7	12,6	8,3	8,1
Crédito Direcionado para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	10,9	11,6	10,2	10,3
Taxa de Inadimplência - % da Carteira Livre (acima de 90 dias, fim de período)	4,4	4,4	4,2	4,3

Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

* Nem todas as IFs imputam projeções para todas as aberturas, fato que pode causar alguma discrepância entre a projeção para o crédito total e suas aberturas.

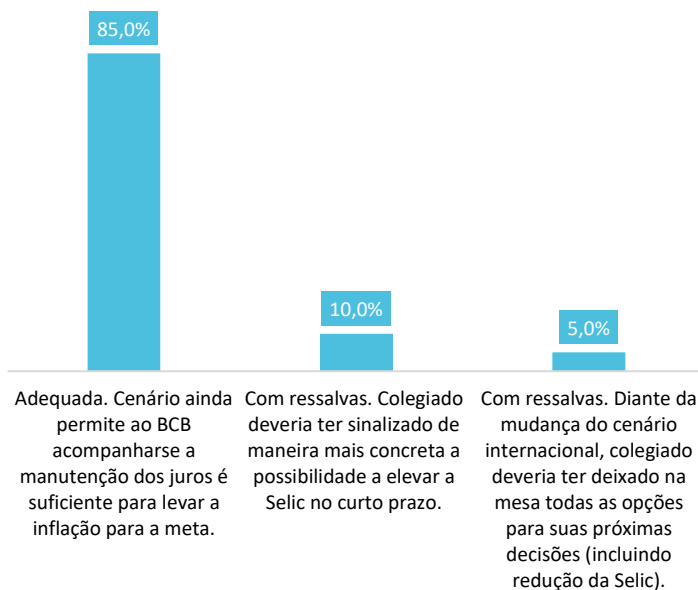
Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

Em relação à percepção dos participantes sobre a economia brasileira e internacional, os principais pontos captados pela Pesquisa Febraban de Expectativas foram:

- A grande maioria (85%) dos participantes entendeu como adequada a atitude do Copom de manter a taxa Selic inalterada (10,50% aa) e não indicar de forma explícita uma alta dos juros no curto prazo (Quadro 9). Diante disso, a mediana para a taxa Selic coletada na pesquisa se manteve estável em 10,50% aa até o 1T25 (Quadro 10).
- Já a expectativa para a taxa de câmbio seguiu em alta em relação às pesquisas anteriores, mas com perspectiva de alguma apreciação do real ao longo deste semestre, quando voltaria para cerca de R\$ 5,30 até o fim do ano.
- As projeções para a inflação deste ano seguem com viés de alta. Metade dos entrevistados entende que o IPCA pode superar 4,20% em 2024, enquanto 45% entendem que as projeções atuais (entre 4,1% e 4,2%) já estão bem calibradas.

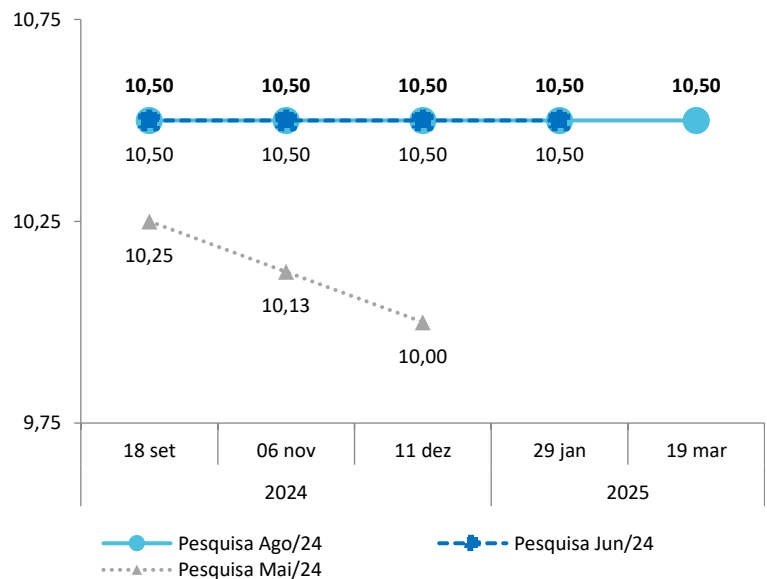
- Com relação à atividade, o viés também é de ligeira alta. 45% dos participantes esperam que o crescimento do PIB fique acima da projeção atual do mercado (2,20%) para este ano. Já 40% estimam que a expansão ficará em linha com o consenso.
- Quanto aos juros nos EUA, a maioria dos entrevistados (65%) espera que o Fed reduza a taxa de juros entre 0,75 pp e 1,0 pp até o fim do ano. Isso porque a percepção é de uma desaceleração suave da atividade no país, não uma recessão.
- Para acessar o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 9: Percepção dos participantes sobre a última decisão do Copom



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

Quadro 10: Projeção (mediana) para a Taxa Selic para as próximas reuniões do Copom



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

**Boletim do Mercado de Capitais
Anbima – Jul/24**

CRÉDITO / BANCOS

O mercado de capitais doméstico registrou captação de R\$ 96,0 bilhões em julho, segundo a Anbima. Este é o melhor resultado para um mês desde dez/21 (R\$ 102,2 bi), com dados já ajustados pela inflação. Assim, tal volume superou com grande folga o registrado em julho de 2023 (R\$ 42,4 bi), quando o mercado ainda sentia os efeitos da crise da Americanas; mas também de jul/2022 (R\$ 91,1 bi). Estes os números indicam que o mercado de capitais segue aquecido, sendo uma fonte importante de recursos para as empresas.

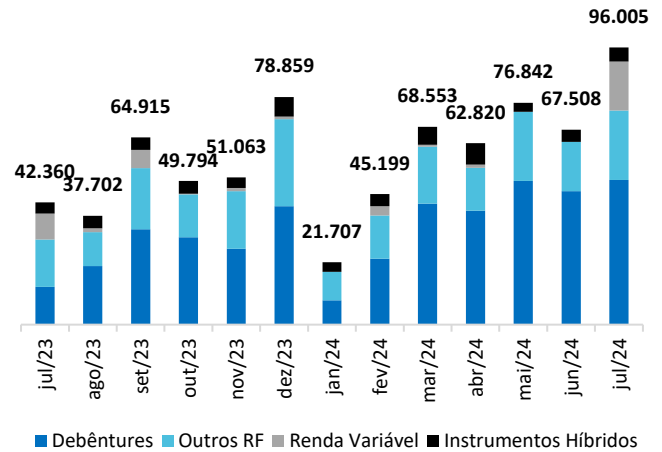
O resultado positivo do mês foi impulsionado pela oferta secundária de ações (*follow-on*) da Sabesp, no valor de R\$ 14,8 bi, operação que marcou a desestatização da empresa, com o governo do Estado de São Paulo reduzindo sua participação de pouco mais de 50% para 18% da empresa. Somada ao *follow-on* da CTEEP (R\$ 2,2 bi), onde a Eletrobrás se desfez de boa parte de sua participação na companhia, tais negociações marcaram as primeiras operações do mercado de renda variável desde abril. De todo modo, vale ressaltar que as ofertas primárias de ações (IPOs) seguem zeradas desde jan/22.

Já as emissões de renda fixa seguem robustas, mantendo o bom desempenho observado nos últimos meses. Foram captados R\$ 50,1 bi em debêntures no mês, alta real de 282,3% ante jul/23 e de 84,1% ante jul/22. Os outros instrumentos de renda fixa (CRAs, CRIs, FIDCs) também subiram no mês (+46,3%, ante jul/23), embora tenham ficado um pouco abaixo do nível de jul/22 (-4,1%), diante da redução das emissões de CRAs/CRIs por conta do endurecimento das regras de emissão destes títulos. Já os instrumentos híbridos (FIIs e Fiagros) totalizaram R\$ 4,9 bi em emissões, com alta de 27,2% em um ano.

No acumulado do ano, as emissões atingiram R\$ 438,6 bi, alta real de 114,2% ante o mesmo período do ano passado, liderada pelas emissões de debêntures (+170,9%). Os demais títulos de renda fixa e os instrumentos híbridos também registram crescimento. Já as operações de renda variável seguem em queda (-5,4%), mesmo contando com a operação da Sabesp.

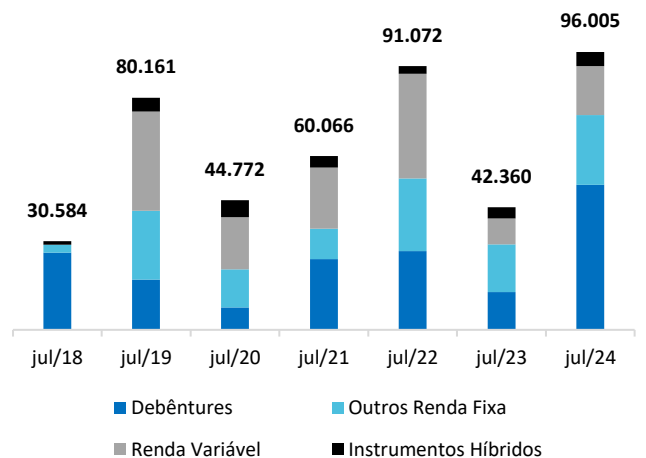
A expectativa é que o mercado de capitais doméstico siga aquecido neste 2º semestre, podendo fechar o ano superando o valor recorde de 2021 (R\$ 694,1 bi em termos reais). O ponto de atenção é que as operações devem seguir concentradas nas emissões de dívida (instrumentos de renda fixa), dado o cenário de manutenção dos juros elevados. Por outro lado, as captações via *equity* (renda variável) devem seguir restritas a poucas operações.

**Quadro 11: Captação no Mercado de Capitais
Em R\$ mi (IPCA de jul/24)**



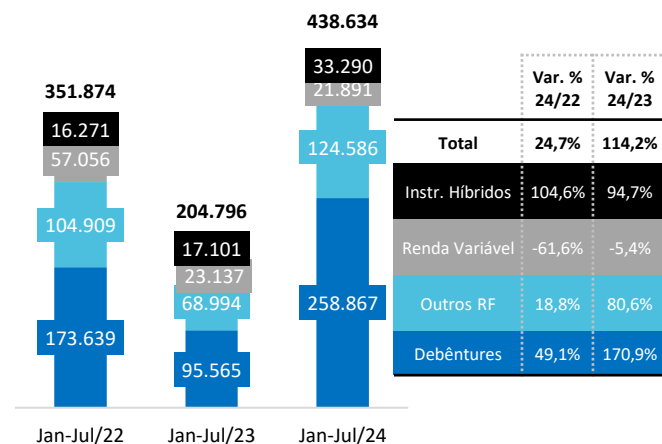
Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

**Quadro 12: Captação no Mercado de Capitais
Meses de Julho - Em R\$ mi (IPCA de jul/24)**



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

**Quadro 13: Volume de captação de janeiro a julho
R\$ mi (IPCA de jul/24)**



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2024				2025			
	16/08/24	09/08/24	19/07/24	Viés	16/08/24	09/08/24	19/07/24	Viés
IPCA (%)	4,22	4,20	4,05	▲	3,91	3,97	3,90	▼
PIB (% de crescimento)	2,23	2,20	2,15	↔	1,89	1,92	1,93	▼
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	10,50	10,50	10,50	▲	10,00	9,75	9,50	▲
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,31	5,30	5,30	▲	5,30	5,30	5,23	↔

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	16/08/24	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,47	-0,68%	-3,17%	12,65%	9,94%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	152,88	-8,02%	-3,40%	15,41%	-18,41%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	10,45	0,27%	0,33%	-10,26%	-19,98%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	11,54	1,35%	1,31%	14,96%	4,41%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	11,50	-1,06%	-4,12%	14,19%	6,32%
Índice Ibovespa (em pontos)	133.953,25	2,56%	4,94%	-0,17%	16,50%
IFNC (setor financeiro)	13.957,38	4,99%	11,32%	1,11%	21,01%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	5,50	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,05	-0,08%	-4,88%	-4,71%	-17,84%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	3,88	-1,45%	-3,65%	0,09%	-9,16%
Dollar Index	102,46	-0,65%	-1,57%	1,12%	-1,07%
Índice S&P 500 (em pontos)	5.554,25	3,93%	0,58%	16,45%	27,09%
Índice de ações de bancos – EUA	110,29	3,81%	-5,70%	0,70%	17,28%
Índice Euro Stoxx 50	4.840,52	3,53%	-0,67%	7,06%	14,49%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	137,99	3,71%	-4,64%	16,59%	25,17%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	79,68	0,03%	-1,29%	3,43%	-5,28%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira